

As relações sociais das plantas

Para recuperar áreas florestais destruídas, pesquisadores vêm estudando como as diferentes espécies vegetais interagem

Assim como em uma complexa máquina cheia de engrenagens, onde cada peça depende de uma outra para se movimentar, cada uma das espécies vegetais da Floresta Amazônica não sobrevive por si só.

As mais altas, que precisam de muita luz solar, estendem suas raízes por dezenas de metros, em várias direções. Por entre estas crescem as espécies de menor porte, que por sua vez precisam de pouca luz

e aproveitam as folhas que caem das maiores, devolvendo nutrientes ao solo. Tudo isso sem contar os animais, que também têm um papel fundamental para a sobrevivência de todas as espécies.

Entender esse mecanismo é um dos primeiros passos para pôr em prática um projeto de reflorestamento. Por isso, pesquisadores do Projeto Jacaranda envolveram-se com o estudo de uma ciência pouco conhecida no País, a Fitosociologia. Ou seja, a sociologia das espécies vegetais.

Em algumas áreas, como um plantio na cidade de Itacoatiara (AM), a ciência já foi aplicada com bons resultados. Os técnicos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e da Japan International Cooperation Agency já conseguiram desen-

volver 350 mil castanheiras em uma área de floresta nativa que era ocupada por pastagens.

“Para obter um desenvolvimento considerado muito bom das plantas, usou-se uma linha de vegetação secundária entre as árvores, que permitiu um bom controle de pragas”, explica o engenheiro florestal Antenor Pereira Barbosa.

As espécies vegetais amazônicas são divididas em quatro grandes grupos: pioneiras, intermediárias, clímax e invasoras. Cada uma delas requer diferentes níveis de luz, nutrientes e irrigação do solo.

Sementes

Das 4.500 espécies vegetais catalogadas na Floresta Amazônica, os pesquisadores têm informações sobre como armazenar as sementes de apenas 1,9% delas. Muitas das sementes, além de não tolerarem processos de secagem (como a da seringueira), também perdem sua capacidade de crescer se conservadas em

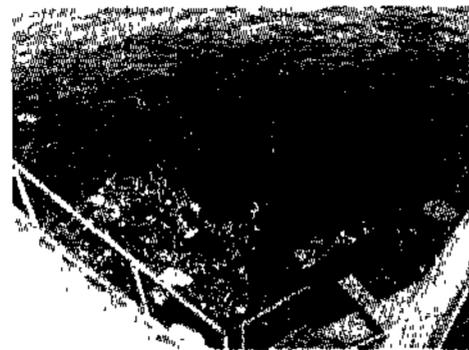
geladeira a menos de 10°C.

Se guardadas em ambientes úmidos e com temperatura de 20°C ou mais, as sementes também não se conservam bem: são atacadas por fungos e bactérias.

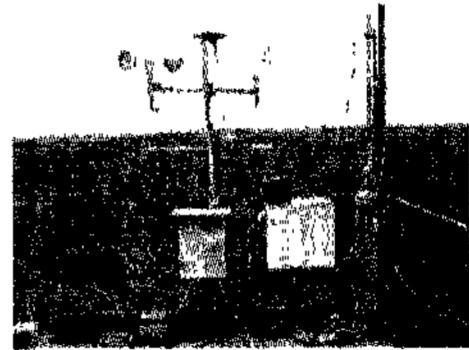
Outro dos grandes problemas, explica a pesquisadora Izoldi Ferraz, do Inpa, é que várias sementes são recalcitrantes. “Ou seja, elas se recusam a ficar sem germinar”, diz. Armazenadas, as sementes começam a crescer rapidamente.

A pesquisadora, juntamente com uma equipe de sete cientistas, vem experimentando e estudando vários métodos de conservação, como uma das linhas de pesquisa do Projeto Jacaranda, de pesquisas florestais e reflorestamento da Amazônia.

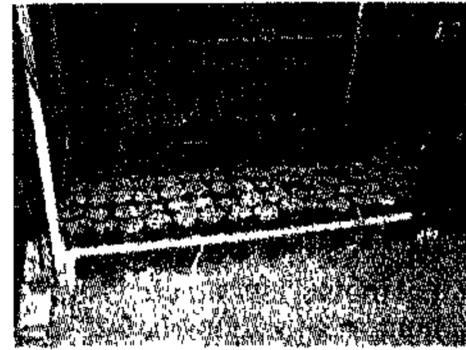
Uma das descobertas recentes foi a de que sementes de duas espécies da floresta, o Kamu-Kamu e o Araçá Boi, conservam-se perfeitamente se mantidas sob água corrente. Outras espécies, como a castanheira, podem conservar-se se mantidas em areia úmida.



Com a ocupação de suas margens e a destruição da floresta, o Rio Negro – que corta a capital do Amazonas – sofre com o lixo



Aparelhagens de sensoramento remoto levam a alta tecnologia à mata e monitoram o clima e o crescimento das árvores



O viveiro experimental do Projeto Jacaranda, uma parceria do Inpa e da JICA, produz mudas de espécies nativas para reflorestamento



O engenheiro florestal Antenor P. Barbosa, do Inpa, aponta para a área que tinha floresta tropical e foi destruída para virar pasto

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	ISA
Data	8/1/2001
Class.	210
Documentação	
Pg. 1/3	